

DAVI BERCIANO FLORES

Perversa Pulsão: A fundação do sujeito freudiano.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2008

DAVI BERCIANO FLORES

Perversa Pulsão: A fundação do sujeito freudiano.

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial
para graduação no curso de Psicologia, sob orientação
da Prof.^a Dr.^a Regina Fabbrini

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2008

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha orientadora, Regina Fabbrini, pelas aulas de Psicanálise que tive sob sua orientação e mais especificamente pelas longas e generosas conversas sobre a clínica das perversões que, apesar de não terem convergido para o tema deste trabalho, serviram-me de inspiração para continuar pesquisando o tema.

A Regina Chu Cavalcanti, madrinha minha por toda vida acadêmica, que me proporcionou grandes aulas, contatos incríveis, um enorme carinho, uma amizade que supera os inevitáveis sumiços de ambos.

Ao grupo de estudos coordenado por Nichan Dichtchekian, no qual pude fortalecer amizades incríveis, que me possibilitaram desfrutar grandes momentos de devaneio, me deslocando sabiamente da prosa para a poesia.

Ao professor Alexandre Saadeh e à professora Márcia Almeida Baptista, que me fizeram refletir sobre a Psicanálise muito mais do que muitos professores de Psicanálise o fizeram.

Aos amigos que me proporcionaram a melhor mistura entre conversas sérias e descontraídas, que me toleraram nos momentos de depressão e mania. Cito alguns dos inesquecíveis: Ricardo Bueno, Caroline Rigon, Marcela Vidal, Bartira Bianchini, Adriana Palmieri, Thais Gemignani, Natalia Ferrari, Pietro Iacozzilli, Olívia Bara e Vitor Sampaio.

A todos, enfim, que se tornaram próximos, amigos, com quem pude cruzar nos corredores da PUC, trocar experiências e risos. A todos os professores que estiveram próximos o suficiente para que os considere, igualmente, amigos.

A Joana, que me trouxe serenidade e carinho, que me surpreendeu e me fez sorrir de maneira única.

E finalmente o mais importante: a meus pais, que me deram oportunidades para viver tudo aquilo pelo que agradeço, companhia incessável, uma busca ilimitada por compreensão. Neles decai a moção de vida que me faz escapar da angústia da finitude dos afetos.

Davi Berciano Flores: Perversa Pulsão – A fundação do sujeito freudiano, 2008.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Fabbrini
Palavras chave: pulsão; perversão; Psicanálise
Área de conhecimento: 7.07.00.00-1 Psicologia

Resumo

Neste trabalho procurei problematizar a temática da perversão na obra de Freud tanto em seu âmbito nosológico como na qualidade perversa das pulsões, âmbito em que enfatizo a temática da perversão enquanto constitutiva do sujeito da Psicanálise freudiana. Abordei os conceitos de pulsão e recalque, como dois aspectos da vida psíquica que mobilizam o desejo, de modo que fiquem claros os embates internos na constituição do sujeito. Utilizo-me, ainda, dos conceitos lacanianos de simbólico e gozo, acrescentando a este trabalho dois temas fundamentais, para enquadrar nesta monografia um aspecto de discussão próximo da contemporaneidade. Para ilustrar o fenômeno da perversão, busco a descrição da formação fetichista para abordar o mecanismo da denegação na perversão, finalizando, desta forma, pela trajetória que parte de uma qualidade perverso-polimorfa para uma outra posição perversa subjetiva. O enquadre teórico aqui exposto busca uma linha de raciocínio constituída clinicamente, para que este tema possa, *après-coup*, ser reabordado futuramente na perspectiva de uma ampliação.

Sumário

1. Introdução	5
2a. À beira dos enquadres: nosologia em questão	8
2b. A perversa Pulsão	12
2c. Recalque e Estrutura: o “eterno retorno do mesmo”	23
3. A fundação do sujeito freudiano	31
4. Conclusões	37
Referências Bibliográficas	40

1. Introdução

Minha proposta inicial para a construção desta monografia abordava um aspecto mais amplo e controverso do universo psicanalítico. Meu intuito inicial era buscar um problema de pesquisa relacionado à clínica psicanalítica das perversões. Colecionei diferentes motivos para justificar meu interesse pelo tema.

Para começar, acredito que este aspecto nosológico da teoria psicanalítica está praticamente ausente do currículo da graduação. Talvez pelo fato de haver grandes correspondências entre a perversão e a neurose na obra freudiana, já que uma se faz negativo da outra, não se dê tanta importância à constituição do sujeito perverso. De qualquer maneira, as temáticas da neurose e da psicose são muito mais pronunciadas nas aulas de Psicanálise do curso de Psicologia da PUC-SP do que a problemática das perversões, isto de acordo com minha experiência.

Além disso, acredito que há uma certa popularidade dos conceitos referentes à neurose e à loucura, em oposição àqueles referentes aos aspectos perversos existentes em cada sujeito. Explico-me: acredito que seja muito mais comum hoje que cada um assuma mais tranquilamente seu pedaço neurótico e seu pedaço “louco”, mas as qualidades perversas de cada um ainda se mantêm veladas, requerem a transposição de diversos tabus para serem discutidas de maneira aberta. Não posso generalizar a ponto de dizer que a loucura caberia naturalmente em um diálogo qualquer, mas são mais comuns os chistes a esse respeito.

Em meus estágios de quinto ano também tive, curiosamente, contato com este aspecto de forma maximizada. Tive a oportunidade de realizar atendimentos a pessoas pertencentes a uma instituição penitenciária. Em uma instituição de saúde mental, coordenei um grupo de psicoterapia baseado na técnica de Psicodrama. Nos dois locais deparei-me com casos que mobilizaram ainda mais meu interesse pela clínica, pois me colocaram por diversas vezes em situações impactantes.

Escutei de profissionais do Psicodrama que a Psicanálise nada tinha a fazer a respeito das perversões, mas que a técnica psicodramática oferecia artifícios para trabalhar as questões referentes à perversão. Estas questões, que busquei discutir amplamente com meus professores dos núcleos de Psicanálise e Psicodrama, mobilizaram interessantes diálogos, carregados de críticas, preconceitos e impasses éticos acerca do tema.

A partir destas discussões pude apropriar-me de um olhar crítico para trabalhar clinicamente. No entanto, abandonei neste trabalho a proposta inicial de construir um trabalho que dissertasse acerca da clínica das perversões. Justifico-me: trata-se de um tema extremamente controverso e, quanto mais buscava esta temática, mais me dava conta de que era imprescindível que eu retornasse aos primórdios da Psicanálise para fundamentar-me primeiramente em Freud. Dei por mim que o percurso para o estudo da clínica das perversões é longo e, por isso, optei por dar um primeiro passo, ainda que seja pequeno, nas proporções de produção literária do universo psicanalítico recente.

Busco então a origem da perversão na nosologia freudiana, os conceitos fundamentais em que já estava inserida a ordem perversa. Pode-se considerar que Freud não inicia os *“Três ensaios sobre a sexualidade”* em 1905 tratando das aberrações sexuais a esmo. Supostamente Freud denuncia nesta organização que a teoria da sexualidade que está por inaugurar abdica de um olhar moralista a respeito das formações humanas, ultrapassa a amnésia neurótica que impede os homens de reconhecerem em si mesmos seu passado perverso-polimorfo.

Escapo às palavras freudianas apenas quando me deparo com algum acréscimo pela teoria de Jacques Lacan, a quem cabe o viés analítico que aqui me proponho a construir. Lacan contribui, com alguns conceitos, à discussão da clínica das perversões. Mesmo sem entrar em sua teoria, a noção de perversão em Freud fica mais elucidada com as noções referentes à dimensão simbólica e ao conceito de gozo.

A noção de Simbólico, na teoria lacaniana, encontra-se estruturalmente como uma faceta que se dispõe em relação com a ordem do Real e do Imaginário. Brevemente podemos definir o Imaginário como um ponto de partida da

linguagem, aspecto estrutural referente à separação entre o sujeito e o outro, momento referente à possibilidade de configuração mental de um objeto espelhado de onde se sucedem multiplicadas as imagens do próprio eu. O Real seria aquilo que não pode ser atravessado pela ordem da linguagem, que se mantém como traço incognoscível do sujeito e, exatamente por esse motivo, aponta um destino inescapável para a estrutura. Busco a noção de Simbólico como suporte para discutir a perspectiva freudiana de representação, ou seja, o Código que está implicado na perspectiva das escolhas do sujeito e no significado atribuído a elas.

A noção de gozo cabe como desdobramento do valor significativo dado à pulsão de morte na teorização do tema. O conceito de gozo, pouco utilizado por Freud, consiste na descarga pulsional sem considerar a presença da falta, buscando abolir os limites da lei, ou seja, baseada na transgressão, no além do princípio do prazer. Este conceito é parte estrutural da constituição do sujeito e será desenvolvido posteriormente nesta dissertação.

2a. A beira dos enquadres: nosologia em questão

Nosso interesse vai para a perigosa fímbria das coisas: O ladrão honesto, o assassino delicado, o ateu supersticioso. (Robert Browning, *Apologia do Bispo Blougram*, 1855, apud Orhan Pamuk na epígrafe do romance “Neve” São Paulo: Companhia das Letras, 2006)

Nota-se que as noções de estrutura – neurótica, perversa e psicótica – revelam a formatação do desejo, a forma como o sujeito se dispõe diante da falta, da incompletude. Na Psicanálise freudiana, as definições nosológicas são, no entanto, constantemente construídas por analogia umas em relação às outras. O axioma acerca da perversão enuncia-se em oposição à constituição neurótica, fazendo-se assim, seu suposto negativo: “*As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões*”. (Freud, 1905, p. 56)

Diante de uma teoria que propõe como qualidade de sua instância mais teorizada – o inconsciente – a ausência de valores, um lugar psíquico em que positivo e negativo coexistem, surge um axioma constituído por opostos no que tange a lógica do desejo e do recalque. Ainda assim, há uma estrutura infantil, um modelo de desenvolvimento, que se mantém como base para ambos.

Desta epígrafe há como se desdobrar devaneios acerca do que a Psicanálise postula a respeito dos limites da estrutura. As fímbrias, os beirais das categorizações nosológicas, necessariamente se resvalam, à medida que há um algo em comum na sexualidade infantil na determinação das constituições psíquicas, aquilo que serve de resquício do passado àqueles que pertencem à cultura. É este passado, o da constituição e não do constituído, da fundação e não do fundado, que se faz perceber na fímbria dos desejos, quer eles se oponham negativamente uns aos outros, quer sejam eles da ordem da cultura ou de uma ordem mais primitiva, quer sejam de um sonhador ou de um sujeito desperto.

A sutileza da frase do poeta inglês está mais precisamente naquilo que a inicia: nosso interesse aponta para a orla, para os limites. Indubitavelmente o interesse do humano nesta assertiva merece a associação com a noção de

desejo, o desejo que aponta para o limite. Quem faz limite dentro desta leitura psicanalítica é o recalque, mecanismo fronteiro entre o pulsional-primitivo e o psíquico cultural. Pode-se dizer, desde já, que o desejo, ao buscar realizar-se, pode incidir no território dos conflitos, de incoerências e contradições. Ele deriva do interditado, do não-poder algo que se poderia.

Sabe-se que ao tratar de desejo, em Psicanálise a referência tópica é o inconsciente no psiquismo. “*O desejo é desejo inconsciente e realização de desejo*” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 147). Por ser inconsciente conclui-se que se trata de conteúdo recalcado; por ser por si a própria realização, indica um caminho, seja por fantasia seja por ato, que o sujeito acaba por percorrer, já que o inconsciente incide constantemente sobre a vida mental do sujeito. Desejo é, portanto, ao mesmo tempo a propensão e a realização desta. É o nome que se dá à qualidade de movimento do sujeito em direção a um objeto qualquer.

O contra-senso que se desperta à noção de atribuição da honestidade a um ladrão e de delicadeza a um assassino, por exemplo, faz-se compreender facilmente. São incongruentes as qualidades aos nomes qualificados. Surge então um interesse claro por aquele que de errado se faz certo, que de primitivo se fez sofisticado. Nos desperta interesse a contradição pois esta diz respeito a nós mesmos. Já fomos aqueles que, em nossa infância, abandonamos o caótico e espontâneo, o desviante, para nos regermos por alguma lei. “*Todos os psiconeuróticos são pessoas de inclinações perversas fortemente acentuadas, mas recalçadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento*”. (Freud, 1905, p. 56)

Não teria, então, boa repercussão de interesse a mesma afirmativa, se apenas invertêssemos tais qualificativos? Assim, de que maneira aponta nosso interesse para o honesto que se põe a roubar e para o delicado que de súbito assassina alguém? Um acidente tão maior quanto o enunciado por Robert Browning, ou quiçá uma perda de controle momentânea, com certeza cabe bem a esta noção do imaginário leigo. A Psicanálise opta por abrir mão da idéia de acidentes, pois quem tem passado, quem tem história, não se acidenta em

escolhas, apenas as revive ressignificadas. Destarte, a perversão não consiste em um acidente. A matéria-prima da perversão é o passado de todo sujeito.

Por passado pode-se enfatizar eminentemente a primeira infância e, mais ainda, os avatares do Complexo de Édipo, momento do desenvolvimento infantil determinante para a resolução estrutural do sujeito da psicanálise, em que se clareiam as escolhas psicótica, perversa e neurótica.

Se abandonarmos este aspecto didático da teorização do Complexo de Édipo, notaremos que este conceito implica em uma trama afetiva que tem seu início desde o nascimento ou, até, antes dele, desde a escolha feita e/ou fantasiada entre cônjuges antes do nascimento da criança. Não há um momento de constituição plena da estrutura do sujeito, mas sim uma estruturação progressiva de traços de personalidade e de constituição.

Deve-se considerar que o tema das perversões, em uma revisão bibliográfica como esta, requer um grande número de recortes para que haja um possível aprofundamento teórico. Partindo das análises dos escritos de Freud, um bom princípio de proposição nosológica acerca da perversão encontra-se em *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1905)*:

(...) quando alguém se torna grosseira e manifestamente pervertido, seria mais correto dizer que permaneceu como tal, pois exemplifica um estágio de inibição do desenvolvimento. (Freud, 1905, p. 56)

Sentenciada a perversão como uma condição de permanência, é suposta então a noção de que o sujeito postulado pela Psicanálise freudiana teria em seu alicerce marcas de constituição, a possibilidade de regressão-a ou abandono-de uma posição subjetiva (particularizada), um trânsito por entre as marcas mnêmicas de fortes impactos afetivos em seu próprio passado. Tratar-se-ia da teoria do desenvolvimento da libido e suas minúcias, trajeto no qual se alocariam fixações que remeteriam à posição perversa adulta.

As noções de permanência e fixação estão evidentemente relacionadas. A lógica psicanalítica rumo às noções de “ponto de fixação” e “vivências de

satisfação” propostas por Freud. A permanência ou fixação a um ponto da constituição do sujeito é necessariamente regida pelo princípio do prazer.

(...) nossa atenção agora dirige-se aos fatos que nos mostram quanto de cada fase anterior persiste junto à configurações subseqüentes, e depois delas, e obtém uma representação permanente na economia libidinal e no caráter da pessoa (Freud, 1932, p.125)

Dando encaminhamento a esta citação de Freud, enquadro esta dissertação na incumbência de analisar a ordem de ressignificações e repetições de natureza perversa. Abstenho-me de considerar equivalências simbólicas da constituição propriamente neurótica na sexualidade adulta, pois meu intuito neste sentido não é de enumerar ressignificações de prazeres da infância, mas compreender de que forma estrutura-se o traço perverso como natureza do sujeito da Psicanálise.

2b. A perversa pulsão

Se seguirmos o critério de remissão às histórias de satisfação do sujeito, neste ponto a noção de perversão na sexualidade adulta se enraíza em seu correspondente quase homônimo na sexualidade infantil: a infância perverso-polimorfa. Sabe-se que é perversa à medida que há vastidão de finalidades dadas aos objetos para obtenção de prazer. Sabe-se que é polimorfa na medida que a obtenção de prazer não se restringe a uma única zona erógena.

Conceber os traços da sexualidade infantil como motivo da constituição perversa seria desmesurado, já que o ego do sujeito freudiano é desde o princípio uma instância que intermedia, que se orienta pelo desejo na mesma medida em que se defende dele. Concebe-se que a constituição marcadamente perversa na idade adulta dá-se, de fato, por uma estagnação no desenvolvimento da libido. A posição estagnada do sujeito de nada depende de sua constituição infantil perversa, mas da capacidade egóica de defender-se dela. Opto, no entanto, por clivar didaticamente as noções de constituição do sujeito de modo que se distribua em dois capítulos. Neste, abduco ao máximo de fazer referências às defesas, censuras e resistências, de modo que fique clara a parcela da constituição do sujeito orientada pelo princípio do prazer. Penso, neste capítulo, naquilo que é finalidade plena da pulsão: a descarga de uma excitação.

O título deste trabalho serve de ponto de partida para esta discussão. A pulsão é, por excelência, perversa, pois sua origem dá-se exatamente nesta passagem onde se altera a finalidade do instinto enquanto inscrição biológica. Esta subversão à natureza primitiva do humano limitadamente biológico dá-se pela ordem da relação, ou seja, bem como o próprio instinto exige o contato com o mundo, este próprio contato é o que perverte a finalidade primordial do instinto. O instinto, traço de comportamento biologicamente inscrito (*imprinting*) encontra um ambiente de relações.

Temos que, através de uma ordenação que atravessa o sujeito, direciona-se a pulsão como cumpridora de uma força motriz, como enuncia Luiz Alberto Hanns (1999) em “*A teoria pulsional na clínica de Freud*”. Esta força se

caracterizaria por um estímulo (*Reiz*), que consiste em manifestar a fisiologia pulsional, e uma pressão (*Drang*), que dá conta, por sua força, de passar da via somática à via psíquica de investimento.

Ainda sobre as características próprias da pulsão, sem considerar sua vinculação objetual, pode-se considerar que a construção da teoria pulsional por Freud implicou em um caráter finalista e dualista:

Suas diversas tentativas de classificação foram sempre organizadas em bases finalistas (seguindo o paradigma teleológico da biologia) e sempre articuladas de forma dualista (geralmente contraponto pulsões sexuais a outros grupos de pulsões). (Hanns, 1999, p. 39)

Temos duas características peculiares nesta citação que pode nos servir de fundamentação a respeito da importância da noção de perversão na construção do sujeito Freudiano. Primeiramente, a concepção teleológica corrobora a noção da pulsão como algo primário e lança o sujeito a uma natureza de causalidade e finalidade. Como já dito, esta natureza é invariavelmente outra, já alterada pelo meio. Logo, a noção de pulsão será utilizada aqui como o já-transformado, dado que a finalidade primeva ganhou outro registro, característico da dimensão psíquica. Ainda assim, esta finalidade biológica mantém-se, já que se faz motriz e está na raiz da formação do desejo, porto irredutível de possibilidade máxima de regresso.

Esta definição do biológico como raiz está implicada na noção de ruptura. A ruptura com a ordem biológica – onde podemos falar em necessidade/satisfação da necessidade – se estabelece como a inscrição de uma suposta satisfação plena que não pode mais ser alcançada. O campo do desejo em que se insere o bebê está atravessado pela falta, uma vez que não é capaz de realizar uma satisfação plena. Esta ruptura é propulsora do movimento desejante do sujeito, marca a suposta completude e torna-se raiz da mobilidade pulsional.

O dualismo, por outro lado, indica o permanente conflito, noção ontológica de sujeito para a Psicanálise. Assim, não se constitui um sujeito sem a ordem da

contradição e da oposição, sem que o estímulo (*Reiz*) encontre um ponto ao qual imponha força, pressão (*Drang*). A perversão se molda como estado estrutural primeiro à medida que a pulsão deriva das primitivas necessidades e encontra no ambiente o convite às mais diversas formatações de investimento, de relação corpo-objeto. Esta diversidade parece, desde o princípio, subverter a fundação biológica finalista e promover o conflito uma vez que, dentro da concepção física de pressão, a força oposta por reação à pulsão compete às formatações (limitações) do ambiente (objeto).

Sobre a ordem do ambiente, há uma consideração de Sales (2005), no artigo “*Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário*”, que é capaz de elucidar uma questão interessante acerca do meio em que está inserida a criança e, ainda que seu direcionamento seja para a teoria lacaniana, é pertinente trazê-la na medida que contempla a continuidade com a posição freudiana:

(...) é defendida a idéia de que o espaço possui a capacidade de seduzir o organismo a assimilar-se com o meio e nele dissolver-se; segundo Lacan (1966, p.96) há '[...] uma obsessão do espaço em seu efeito desrealizante'. Essa tendência à dissolução seria característica de todo organismo vivo. (Lacan, 1966, p.96 *apud* Sales, 2005, p. 120)

Este trecho é convite para a discussão do aspecto vincular da pulsão, uma vez que a exigência de descarga de tensão só existe à medida que há um destino para esta exigência. Assim, não há um armazenamento pulsional. Trata-se de uma energia fluida, que transita entre o sujeito e os objetos de investimentos, regida pela ordem do desejo.

Ainda pode-se fazer referência à Teoria do Apoio, postulada por Freud, em que a pulsão surgiria a partir de uma necessidade instintiva. O exemplo corriqueiro indica que o bebê, por sentir fome (instinto), assente à oferta do seio da mãe. Neste encontro o bebê é inserido já em um campo que ultrapassa a satisfação de uma necessidade. A qualidade da exigência do bebê deixaria de ser biológica e inauguraria o campo psíquico. Cabe aqui a discussão de que não há, de fato, um

momento de transição como este. Ele é mítico, pois desde o princípio já há pulsão, já há um campo de falta e busca de completude que não se esgota em um investimento objetal, que se realimenta. A primeira mamada consiste não apenas em uma coincidência topográfica em que desejo e necessidade se encontram, mas que o espaço conduz o bebê a transformar-se, que há um convite da ordem da sedução para que o bebê entre no campo do desejo. É imprescindível para a Psicanálise a idéia de que o campo do desejo busca a renovação, a repetição desta experiência de satisfação.

Ao se tratar de um encontro do bebê com o meio, nota-se que há aí uma moção interna (pulsão) atrelada a um alvo externo (objeto). A pulsão, portanto, requer um objeto que remova essa excitação. No circuito pulsional, ou seja, no campo de interações entre pulsão e objeto de investimento, podemos conceber, seguindo Peixoto Junior (1999), que o laço feito entre os protagonistas deste campo é frouxo. Peixoto Junior (1999) define este laço como uma “soldadura”. O direcionamento para este aspecto sugere que desde a forma mais primitiva, a relação do sujeito com os objetos que o atraem é plástica e, mais do que isso, que há uma soldadura à medida que há algo para além da sedução do meio e do desejo do sujeito. O que rege o sujeito freudiano é a necessidade de descarga, a pulsão. Os representantes ideativos seriam integrantes de uma soldadura que, esta sim, constitui-se como natureza fundamental, precedente do simbólico e moldada até certo ponto pelas vicissitudes históricas do sujeito.

A noção de simbólico aqui empregada é acréscimo feito pela teorização de Jacques Lacan como fundamentação da teoria freudiana. O uso deste termo, nesta dissertação, consiste em um passo além da noção de representação ou campo ideativo, como postulou Freud ao tratar das idéias que teriam correspondências afetivas na edificação do desejo. Cabe aqui não a correspondência do simbólico com a tópica lacaniana, mas apenas a noção de que se trata de um sistema de representações inserido na linguagem, que possibilita ao sujeito a auto-referência, e que simultaneamente o determina.

(...) numa grande quantidade de condições e num número surpreendentemente elevado de indivíduos, a índole e o valor do objeto sexual passam para segundo plano. O essencial e constante na pulsão sexual é alguma outra coisa. (Freud, 1905, p. 141)

Este trecho ilustra um aspecto importante deste ponto da discussão. Freud afirma que o “essencial e constante” da natureza da pulsão não percorre, de fato, o campo dos valores, o simbólico. É inquestionável que a pulsão como quantificação de uma posição ontológica de investimento do sujeito psicanalítico remete-se ao instinto no que tange seu primitivismo. Sua exigência, a da pulsão, parece ser a de cumprir sua função sem contar com o custo dos valores e representações que os objetos a que há de se soldar terão. Assim, parece que a ordem do valor já é a das representações. Tampouco se pode considerar que a natureza de busca inveterada de descarga preceda a ordem das representações, principalmente se considerarmos a noção de simbólico para Lacan. O nascimento já está inserido em uma rede de representações. Podemos descolar estes dois aspectos do investimento, a demanda da pulsão e o valor dos objetos, por se constituírem de uma estrutura distinta. Sabe-se que no sujeito neurótico não há um aspecto que se imponha ao outro: há um embate acirrado entre a exigência de descarga pulsional e o peso dos valores objetais a que essa descarga se dirige.

Pela noção de regressão a pontos mais primitivos ou pela permanência nestes, Freud nota que algo que se implica à quantidade parece preceder em ordem temporal a constituição ideativa do sujeito, uma vez que trataremos mais adiante de um suposto retorno a um menor gasto de energia no que tange a pulsão de morte. Na primeira tópica Freud fala em pulsões sexuais e de autoconservação, regidas pelo Princípio da Homeostase. A partir da segunda tópica (1923) ele colocará as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação (ou pulsões do ego) como pulsões de vida. A elas passam a se opor as pulsões de morte, regidas pelo Princípio do Nirvana.

Antes de prosseguir, é fundamental definir a qualidade desses dois conceitos. O Princípio de Homeostase rege a vida psíquica buscando um equilíbrio pulsional, evitando justamente a ilimitação de descargas, o que

provocaria invariavelmente grande quota de desprazer. Este princípio regula, compõe, portanto, as possibilidades de descarga possível, regido pelos mecanismos de prazer/desprazer. Já o Princípio do Nirvana, para compor mais uma vez na teoria freudiana a dualidade pulsional, opõe-se à qualidade homeostática, exigindo a descarga plena e absoluta. Pode-se dizer que este princípio representa a parcela da vida psíquica que requer um esgotamento das demandas de descarga.

Esta noção de retorno, retomada no interior do estruturalismo lacaniano, parece ter lógica dentro dos enredamentos teóricos freudianos, preponderantemente apontados para uma lógica histórica. Adianto que, de fato, não se pode delimitar onde há apenas descarga e onde se concebe um campo ideativo a elas soldado, mas pode-se dizer que o campo dos valores, no infantil, por diversas vezes, serve como justificativa para os atos espontâneos e ainda não submetidos a uma censura prévia.

Então, para aquém da idéia (representação), existe uma exploração do sujeito que é por si perversa e polimorfa. Em outras palavras, a busca pelo prazer empreendida pelo sujeito infantil da Psicanálise freudiana parece sobrepujar o valor das representações instituído pela cultura adulta. A criança ainda se põe em conflito com a repressão social e não com a censura interna. Esta qualidade perversa e polimorfa se constrói na ordem do investimento materno, da exploração própria e da busca pelo prazer. Até então, as vicissitudes da pulsão em nada afetam a estrutura da criança a ponto de delimitar se sua estrutura será ou não perversa. Não se concebe a idéia de que haveria uma quota superior ou inferior de prazer para as crianças, que se encontram na mais primitiva fase de exploração do mundo, mediante as pulsões parciais, que serão adiante explicadas à medida que se introduz a teoria do desenvolvimento da libido.

Durante toda a primeira infância, em todo o processo de desenvolvimento da libido, as pulsões tem seu caráter de parcialidade. A pulsão parcial consiste no direcionamento da pulsão para uma zona erógena específica, ou seja, há um direcionamento para a obtenção do prazer que precede a genitalidade da sexualidade adulta, em que a pulsão teria por fim sua organização unificada. É

correto dizer que a pulsão transita pelo corpo da criança durante a primeira infância, e que a descoberta do corpo durante o desenvolvimento da libido troca e retoma áreas de obtenção de prazer.

As fases do desenvolvimento da libido – oral, anal, fálica e genital – corresponderiam a uma preponderância pulsional direcionada a uma região do corpo. Deve-se, no entanto, compreender esse investimento ampliando a visão sobre os aspectos simbólicos atribuídos a cada fase, as fantasias infantis e a maneira como a criança se relaciona com o mundo na primeira infância.

As possibilidades de relação com o mundo delimitadas a cada fase do desenvolvimento da libido contribuem para a formação do aparelho psíquico, de modo que se estruture o campo ideativo e, então, a pulsão tenda a abandonar, naturalmente ou impelida pelo recalque, o campo do corpo (somático) para dar lugar à ordem simbólica, em que está incluída a fantasia infantil. A qualidade do objeto de investimento passa a transitar entre a realidade externa e a realidade psíquica, ou seja, permeia o campo da fantasia e abandona a exclusividade do corpo em termos de investimento.

As pulsões então se dirigem a zonas erógenas específicas durante a constituição do sujeito e compõem suas relações com o mundo. Não há investimento que não derive de uma pulsão. Ela é a ordem quantitativa do investimento, a exigência de descarga por trás de toda e qualquer articulação ideativa para o sujeito.

Seria importante então retornar agora à qualidade dualista das pulsões para tratar da evolução deste conceito na obra de Freud. Agora que está delimitada a função da pulsão e sua importância na constituição do sujeito, é pertinente discutir-se acerca de que constituição se trata. Sabe-se que a pulsão não se atém ao valor do objeto, mas ela constitui-se em um valor de investimento. Por derivar do instinto e, consecutivamente, deter-se inerentemente a uma finalidade, passa a ser direcionada para uma categoria ampla de investimentos.

Nesta perspectiva, a primeira teoria pulsional de Freud dualiza esta ordem em pulsões de autoconservação e pulsões sexuais (conservação das espécies), ponto em que se opõem vetores de constituição localizados no modelo da

biologia, em que a auto-conservação apontaria para a manutenção daquilo que diria respeito prioritariamente ao indivíduo: a fome, a sede e o sono. Em contrapartida, às pulsões sexuais, responsáveis pela conservação da espécie, competiria a tarefa de investimento nos objetos externos. Caberia a ela o conceito de amor.

Como o interesse deste capítulo consiste na discussão das pulsões no que tange à natureza e a um suposto valor que definiria a perversão, prima-se nesta dissertação pelo valor nosológico da mudança de teoria ao invés da delimitação por detalhes das características de cada fragmento das pulsões. Nesta perspectiva, Freud caminha para uma segunda teoria das pulsões baseado na qualidade de repetição dos investimentos do sujeito e na teoria do narcisismo, fundamentada sob o contexto da segunda tópica, em que a ordem de conflito entre valores de prazer e censura se delimita de forma mais clara entre as instâncias. Na primeira tópica o conflito se dava na impossibilidade de adequação entre os estímulos do mundo externo e as possibilidades que o aparelho psíquico detinha para sustentar um impulso ou recalá-lo. Na segunda tópica este embate no mundo externo passa a compor um lugar introjetado; o conflito dá-se entre instâncias internas. A importância da teoria do narcisismo neste ponto consiste no revés vetorial que a libido pode percorrer, retirando os investimentos dos objetos e retornando ao ego, podendo transformar-se num investimento em si-próprio.

Incumbidas da ordem de defesa e investimento, é indubitável que as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação já cumpriam o papel de organizar a ordem do conflito. Às suas exigências de descarga competia a árdua tarefa de mediar as necessidades objetais do sujeito ao mesmo passo em que o protegia destas possibilidades. Uma vez que o ego pode ser objeto investido de amor, as pulsões de autoconservação caem em declínio, já que os investimentos objetais e egóicos parecem ser de mesma natureza, utilizar-se da mesma matéria-prima e possuírem uma espécie de continuidade, ou seja, a libido transita entre sujeito e objeto.

Freud parte na segunda teoria das pulsões para um âmbito de conflito que aponta mais para uma noção estrutural do que para uma noção histórica. Na

noção histórica, a ordem da construção mobilizada pela pulsão de vida envereda para o mesmo ponto em que se estrutura a teoria do desenvolvimento da libido, com a diferença de que ela pode percorrer dois sentidos temporais: progressivo e regressivo, abrigando nela mesma a primeira teoria da pulsão. Sobrepondo-as, encontramos a lógica dualista em que o conflito do sujeito aponta agora para algo que vai além do princípio do prazer, abrindo espaço para a noção de que o sujeito da psicanálise não mais vive conflitos apenas da ordem do desejo e da lei. Freud supera a lógica de conflito instituído pela repressão que deriva do social e busca a inerência daquilo que alimenta a natureza reincidente de determinadas catexias. Assim surge a pulsão de morte, não mais ordenada pelo princípio da homeostase, mas pelo princípio de nirvana.

A Psicanálise propõe, agora, a partir de duas ordens distintas de conflito que, em superposição, não parecem entrar de todo em contradição. Retomando a discussão da perversão como traço infantil, este não se altera de maneira geral. Mantém-se a infância perverso-polimorfa, mantém-se na segunda teoria das pulsões o princípio do prazer, esta lógica de busca que exige a ausência de limites. Agora é válido inserir o id como instância responsável por essa exigência de descarga, novidade postulada na segunda tópica freudiana.

A pulsão mantém ainda sua natureza perversa, ainda altera as finalidades essenciais a que se dedica por conta do contato com o mundo dos objetos. Estas finalidades essenciais ficam assim mantidas sob a enunciação dos princípios, sendo eles respectivamente os de prazer e realidade na primeira teoria, e o além do princípio do prazer, regido pelo princípio de nirvana na segunda teoria. Perdura o princípio do prazer, relacionado diretamente à busca infantil de saciação, ponto preciso para a discussão do caráter perverso das pulsões.

Não se pode afirmar, todavia, que a teorização das perversões mantenha-se intocada. Ainda que logrem uma contraposição necessária para que exista a busca de investimento objetual, as pulsões de vida e de morte exibem a dupla faceta da perversão na ordem da constituição estrutural do sujeito. Até aqui, sabendo que as pulsões de vida abrigam a primeira teoria pulsional, conhecemos a faceta de busca e construção do sujeito que competem ao mecanismo perverso.

Com o intuito de finalizar este capítulo, cabe agora incluir o caráter conservador das pulsões, associado à questão temporal, referente a um momento da vida mental que seria anterior à regência do princípio do prazer. Em 1920, no texto *“Além do Princípio do Prazer”*, Freud atribui uma nova especificidade ao conceito de pulsão:

Se, de acordo com a nossa hipótese, as pulsões do Eu originam-se de uma vivificação da matéria inanimada e visam a restaurar de novo o estado inanimado, então, em rigor, somente a essas pulsões poderíamos atribuir o caráter conservador – ou melhor, regressivo – que havíamos afirmado derivar de uma compulsão à repetição inerente a todas as pulsões (Freud, 1920, p. 166)

Freud, neste momento, reapresenta a possibilidade de regressão dentro da teoria do desenvolvimento da libido, coordenada pela incidência da pulsão de morte. Freud se refere à noção de regressão nos *“Três Ensaio sobre a sexualidade”*, 1905: *“Vislumbramos assim a fórmula de que os neuróticos preservaram o estado infantil de sua sexualidade ou foram retransportados para ele”*.

A inclusão do princípio do nirvana aos antigos princípios que regem a vida mental mantém a noção de busca de prazer na qual centramos nossa atenção neste capítulo. Busca-se sempre, como na permanente noção de marca primordial da falta, o restabelecimento de um estado anterior, embora após os estudos das neuroses traumáticas, não se possa mais concluir que esse restabelecimento seja orientado pelo prazer. O objetivo passa a ser o alcance de um estado anterior, no qual a fantasia de completude se ancora. Este ponto propõe uma reorganização da noção de perversão. Ainda que estejamos fora do conceito estrutural de perversão, ligado à classificação nosológica, já sabemos que na primeira infância este princípio incide da mesma forma. Assim, a natureza da pulsão mantém-se perversa, a alteração de uma finalidade mais uma vez se mantém nos desdobramentos de investimentos do sujeito. Mas os mecanismos de prazer/desprazer apontam para um novo rumo.

Caminho para o capítulo seguinte com o intuito de percorrer o caminho da constituição do sujeito sob a ótica da defesa, opondo-se às demandas de descarga. Nele, prossigo a discussão a respeito da pulsão de morte e introduzo a noção de gozo a ela relacionada. Acredito que este seja o limiar, em que tratar do mecanismo do recalque passa a ser imprescindível, para a continuidade da discussão.

2c. Recalque e estrutura: o “eterno retorno do mesmo”.

Proponho-me a organizar este capítulo tomando como referência a relação entre recalque e temporalidade na vida mental do sujeito psicanalítico. Desta maneira, percorro a evolução da teoria freudiana e, por fim, situo a perversão em proximidade com a teoria lacaniana, buscando assim uma fundamentação mais recente da obra de Freud. Julgo esta articulação necessária para discutir os aspectos nosológicos da perversão. Percebo que a noção de recalque apresenta três qualidades temporais: retém uma representação do passado, uma energia retida, e por esse exato motivo, carrega-a para si reeditada, ordenando a vivência presente. Ao mesmo tempo, concebe-se como qualidade de futuro, pois o recalque tem por natureza atrair e ligar experiências posteriores a ele.

O conceito de recalque está diretamente articulado com a lógica temporal para a psicanálise à medida que está implicado com a memória, com o passado. O mecanismo de recalque institui-se para a Psicanálise primeiramente sob a ótica da primeira tópica freudiana, em que as representações insustentáveis para a consciência seriam, assim, conduzidas a um nível inconsciente e, uma vez lá, graças às resistências, não seriam mais acessíveis para o sujeito.

Na primeira tópica a regência das pulsões institui-se articulada entre o princípio do prazer e princípio de realidade. Neste caso o princípio do prazer representa o primitivo-pulsional e o princípio de realidade representa o psíquico-cultural. Aquilo que representa o princípio do prazer entra em embate com o princípio de realidade e, à medida que um investimento regido pelo princípio do prazer busca uma finalidade na cultura, este acaba por sofrer a barreira do recalque. O ego, nesta primeira tópica, corresponde à consciência e, portanto, deve manter-se estruturado ao se afastar de idéias primitivas insustentáveis para o sujeito.

Na segunda tópica freudiana instituem-se as instâncias id e superego. Neste momento o ego deixa de corresponder à instância consciente e passa a apresentar uma posição também no inconsciente. O ego mantém-se como agente do recalque e, neste ponto, o recalque torna-se mais bem explicado por não ser

consciente, mas sim inconsciente. Retoma-se o conceito para ajustá-lo àquilo de novo que foi introduzido na teoria. O ego passa a ter sua parcela inconsciente, passa a caber a percepção já antiga de Freud de que o processo de esquecimento não cabe a um campo de intencionalidade (consciência) e é um processo ativado por uma instância capaz de medir a quota de prazer e desprazer mobilizada em um investimento (o ego).

O princípio de realidade também é abandonado uma vez que o ego defende-se da realidade, logo, ela não existe. Explicitemos: não existe pois Freud dá-se conta que teoriza a respeito de um ego que jamais se põe em contato pleno com aquilo que seria supostamente a realidade, afinal é um ego que media exigências entre instâncias internas e entre demandas externas que são, igualmente, interpretadas por ele. Um ego que media forças, que é palco para a busca de um equilíbrio entre instâncias que atribuem à realidade um valor específico, e não pode, de fato, conceber uma realidade objetiva, plena, sem interferências e interpretações. A própria noção de fantasia escapa a este conceito objetivo de realidade. Não haveria dois sujeitos com uma mesma fantasia e os mesmos mecanismos de defesa. O contato com esta suposta realidade, por diversas vezes, implicaria em recalcamientos.

Diferente do recalque, a repressão consiste em um mecanismo de regulação social e, por este motivo, carrega uma natureza de ordem supostamente constatável por um observador neutro. O recalque, por outro lado, é um mecanismo interno de interdição dos desejos, ou seja, sua natureza é ficcional e subjetiva. E é deste mecanismo que surge a visão do sujeito a respeito de seu mundo, de sua realidade. O recalque consiste exatamente no mecanismo que justifica o abandono de um princípio, que concebe uma realidade objetiva para dois sujeitos distintos.

(...) decerto não haverá um recalque quando a tensão decorrente da não-satisfação de uma moção pulsional se tornar insuportavelmente grande. (Freud, 1905, p. 178).

(...) uma condição para que ocorra o recalque é que a força que causa o desprazer se torne mais poderosa do que aquela que produz, a partir da satisfação pulsional, o prazer. (Freud, 1905, p. 178)

Estas duas citações de Freud, localizadas nos “*Três ensaios sobre a sexualidade*”, nos revelam temas importantes para iniciarmos uma transição entre o conceito de pulsão e o conceito de recalque, este concebido como mecanismo de defesa do psiquismo, aquele que barra a pulsão e funda a estrutura do conflito psíquico. De princípio, é importante enunciar qual é a condição para que se dê o recalque.

A primeira noção merecedora de importância consiste no *quantum* de tensão suportado pelo aparelho psíquico. A pulsão exige uma satisfação e, nesse sentido, por ter sua ordem quantitativa, acumula-se. Freud elucida que o mecanismo do recalque opera sob a exigência de equilíbrio da regulação de prazer-desprazer. O aparelho psíquico organiza-se, exige um equilíbrio, e a condição geral para a construção do recalcado implica em uma maior quota de desprazer na demanda interna de investimento, do id.

A exigência de prazer está inscrita como traço originário e imprescindível do sujeito e, assim, a regulação da estrutura parece estar diretamente implicada na maneira como o sujeito interpreta a realidade e como a realidade interdita o sujeito, de modo que este desprazer possa se instituir.

Aqui temos um ponto fundamental na lógica da perversão, considerando o percurso de construtos teóricos de Freud. O princípio de realidade é um derivativo do princípio do prazer, ou seja, o sujeito necessita buscar o que procura em seu entorno, adequando-se às condições que o mesmo lhe oferece. Depreende-se que os mecanismos de defesa, dentre os quais o recalque, constroem-se mediante a busca por prazer do sujeito. A perversão infantil, esta ordem supostamente sem censura interna, torna-se exatamente a propulsora da construção das defesas. Os desejos da criança podem não encontrar um impedimento interno com frequência, mas desde cedo há uma ordem externa que sustenta as censuras à criança. Exatamente pelo fato da criança buscar subverter

um mundo com limites, ela busca a falta como sustentação para seus desejos. Está intrínseco, portanto, nesta condição, que na busca de prazer está contida a ordem da falta.

Passando a outra faceta do estudo do recalque, temos como situação exemplar para trabalhar o mecanismo do recalque o instante do trauma. O momento traumático, diferentemente da sutileza que se dá na relação entre a busca infantil por prazer e as repressões sociais, instaura uma marca de quebra mnêmica diante de uma impossibilidade absoluta de lidar com a representação que se impôs diante do sujeito. A presença mais nítida de desprazer se marca como fundamental neste mecanismo de defesa:

Em outras palavras, a lembrança traumática é um tipo de corpo estranho ao eu que ameaça o sistema em seu conjunto. Para o princípio do prazer, que pretende o equilíbrio energético, esta lembrança é inassimilável, não cabe na memória, e por isso é separada do sistema reconhecido das representações. (Braunstein, 2007, p.21)

É inevitável que aqui entremos na lógica temporal, mais precisamente a ordem do abandono do passado. O próprio princípio do prazer, aquele que exige uma busca, que se dispõe a construir vínculos de investimento em busca de satisfação, induz ao recalque por não sustentar um desequilíbrio entre a realidade e os impulsos do sujeito. É evidente que se possa fazer aqui uma referência ao princípio de homeostase, a busca por equilíbrio, este balanceamento que, por fim resta ao princípio do prazer como a possibilidade mais próxima de alcançar seu objetivo essencial. Segundo Kahn (2003), Recalcar significa excluir um impulso ou um sentimento da consciência. Portanto, é a manipulação da percepção de um episódio interior” (Kahn, 2003, p. 161)

Esta manipulação do passado engendrada pela defesa psíquica busca, portanto, administrar a quota de prazer que se pode alcançar. Quando Freud se propõe a analisar o recalque na conferência XXXII, “*Angústia e vida pulsional*”, indica que há uma ruptura do desejo quando na incidência do recalque. À medida que uma representação se mostra insustentavelmente desprazerosa para

a consciência, o mecanismo do recalque incide. Resta, em contrapartida, uma quota de afeto atribuída a esta representação. Esta bipartição do desejo altera, de fato, a percepção sobre este evento, como enuncia Kahn (2003). No entanto, este passado aparentemente abandonado está apenas guardado. A própria noção psicopatológica de memória está diretamente vinculada ao afeto, ou seja, tudo aquilo que é recordado, ou que ocupa um lugar em nossa memória, carrega em si a suficiência de uma carga afetiva. A manipulação de um evento é incapaz, portanto, de provocar o esquecimento pleno. O afastamento de conteúdos ideativos da consciência não permite que o sujeito abstenha-se de seu passado; ao contrário os desejos recusados insistem em pedir satisfação no presente.

Há, por outro lado, uma tendência do recalque em absorver para si vivências anteriores. É necessário aqui tomar como referência a noção de recalque originário postulada por Freud. O recalque originário consistiria em marca primeva da suposta completude idealizada e a primeira incidência da falta constatada. Esta marca torna-se fundamental para a vida do sujeito, à medida que todas as outras experiências posteriores atravessarão a inscrição desta primeira marca. Assim, sempre que há referência a um recalque, seja por experiências traumáticas, ou pela trivialidade da manifestação da angústia, comum a qualquer ser humano, necessariamente faz-se remetimento direto à primitividade do recalque, às experiências mais originárias.

Constata-se que as ordens que supostamente associam passado e futuro do recalque estão, na realidade, localizadas exatamente na experiência presente. Ao que tudo indica, aquilo que se concebe como o presente começou a ser inscrito e formatado por um passado distante e primordial do sujeito.

Para manter essa elucidação, volto a citar Néstor Braunstein:

Mas esse afastamento, essa repressão, longe de fazer desaparecer a evocação do trauma, a eterniza: impossível metabolizar e digerir, fica a lembrança como um quisto localizado na estrutura psíquica. (Braunstein, 2007, p. 21)

Este trecho elucida a ótica freudiana acerca do posicionamento temporal do sujeito diante de sua constituição. Freud encontra-se nesta perspectiva que será fundamentada de maneira mais clara por Jacques Lacan. A noção de estrutura presentifica determinados aspectos do passado do sujeito, abolindo assim a noção postulada por Freud a respeito de uma tendência do sujeito a um retorno temporal, a busca por um estado inorgânico presidido pela pulsão de morte.

Em contrapartida, o que encontramos desde então seria o “*eterno retorno do mesmo*”, uma reedição permanente das marcas constituintes do sujeito. Isto implica em uma alteração fundamental no entendimento daquilo com que o sujeito se depara. A compreensão de temporalidade se modifica e, nesta medida, abre espaço inclusive para a conceituação da transferência.

Na verdade, ele [o doente] se vê mais forçado a repetir o recalcado como se fosse uma vivência do presente do que – tal como naturalmente seria a intenção do médico – a recordá-lo como sendo um fragmento do passado. (Freud, 1920, p. 144).

Sou tentado a escapar desta linha de raciocínio para dissertar acerca da transferência que, de acordo com Calligaris (1986), seria a manifestação da estrutura na clínica: “A transferência manifesta experimentalmente a própria estrutura” (p. 11). Acredito que este tema seria elucidativo na discussão da clínica das perversões e, portanto, guardo este desvelamento teórico para uma próxima oportunidade de produção acadêmica.

O recalque barra uma descarga pulsional, o que corresponde a uma tentativa de escape para evitar a ordem desprazerosa implicada na saciação de um desejo. A questão fundamental, neste momento, consiste na ordem inescapável em que se encontra o psiquismo. Uma vez acometido o sujeito pelo empreendimento libidinal em um investimento qualquer, tanto a necessidade de descarga quanto o campo ideativo a ela vinculado não são capazes de empreender uma fuga totalmente bem sucedida. O inescapável, aqui, encontra-se na natureza insistente da pulsão, que não abdica de sua exigência, à medida que

não se constitui como mediadora, não se põe em embates, como se põe o ego. A função da pulsão consiste apenas em demandar, em pedir satisfação, em insistir.

O conteúdo mnêmico, por outro lado, apresenta maior maleabilidade diante deste mecanismo. Sabe-se que uma vez inconsciente a ordem das representações perde sua lógica, configura-se em uma cadeia sem carga de valores e opostos. Freud atesta que o recalque originário, aquele que se relacionaria ao investimento na possibilidade de incesto, mediante elaboração seria totalmente destruído. O que incidiria como resultado do recalque originário não seria mais nem a idéia desejante do incesto, nem a memória da interdição. A estrutura neurótica molda-se, então, no esfacelamento de um momento perverso-polimorfo infantil. Freud atesta, inclusive, que a análise encontra seus limites justamente na ameaça de castração para o menino e na inveja do pênis para a menina, ou seja, nos pontos intransponíveis de resgate mnêmico nas associações do sujeito. O recalque originário mantém-se, então, como marca pela qual todo e qualquer outro recalque há de passar, pois atrai para si justamente esta possibilidade de configuração.

O paradoxo que encontramos nesta empreitada do recalque remete à noção de gozo postulada por Lacan. Em oposição à noção de desejo, a teoria do gozo demonstra que há uma parcela do sujeito que aponta para a fruição de um investimento sem qualquer incidência do manejo da falta, justamente o caminho que percorre a estrutura perversa. O gozo põe-se em contraposição ao desejo, que se constitui originariamente como modelo de investimento psíquico implicado na falta, na impossibilidade de ceder à pulsão todas suas necessidades, ou seja, ao Princípio do Prazer.

O gozo, fazendo-se como possibilidade, é a quota de todo investimento que se mantém, que reincide e retorna nas relações do sujeito. Trata-se exatamente de uma das facetas das pulsões de morte, que busca um esgotamento pleno da descarga da pulsão, não permitindo assim a possibilidade de construção com essa quota remanescente provinda do recalque.

Mas o fato subsiste: o gozo é recôndito na neurose, expressa-se no sofrimento, na queixa e no sintoma que o dizem quando o eu cala e o sujeito se mostra em sua divisão, avergonhado se tiver de ser reconhecido como gozante. (Braunstein, 2007, p. 244)

Temos então que o gozo é peça fundamental da estrutura em qualquer âmbito nosológico, mas que, diante da proeminência da ordem do recalque, cabe-lhe apenas realçar a estrutura desta defesa. O recalque, quando instaurado, é justamente quem implica o sujeito na ordem do desejo, tira-lhe da sedução do gozo pleno, condição negativa ao enunciado das neuroses. Mas a ordem da constância presente no conceito de gozo rende às pulsões o mérito da perseverança: a exigência de satisfação plena, de desfrute máximo dos impulsos, deve necessariamente estar localizada na ordem de qualquer estrutura.

Enunciado o recalque e a teoria do gozo, é então possível retomar a questão postulada no capítulo “A Perversa Pulsão” e relacionar, por fim, os conceitos de pulsão e recalque. A consistência das pulsões de morte é fundamentada pelo conceito de gozo. Pode-se abandonar a noção de regressão a um estado inorgânico, a que se dedicaria esta qualidade das pulsões, uma vez que a noção de retorno para este âmbito falsearia a posição reincidente e presentificada que ocupa o gozo. O sujeito não tende mais, portanto, à regressão, mas sim à repetição. O gozo encontra-se nas demandas presentes do sujeito e cabe à regulação psíquica evitar ou permitir que se realize. A obra de Freud já apresentava tendências de abandonar a dialética histórica para propor-se a construir uma teoria das estruturas.

3. A fundação do sujeito freudiano

O motivo pelo qual esta monografia se organizou partindo das considerações de limite nosológico e expondo as noções de pulsão e recalque teve uma implicação. Partindo de um questionamento a respeito dos enquadres, notamos no curso da dissertação as imprecisões e impasses por que passou Freud na estruturação de uma fundamentação clara da vida psíquica.

Ainda que Freud buscasse uma fundamentação que colocasse a Psicanálise no campo das ciências “*estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos*” (Freud, 1915, p. 123), empreitar a pesquisa científica em delimitar posições subjetivas e categorizá-las possibilitou o abandono, por diversas vezes, de conceitos objetivos e predominantemente históricos para compreender, na clínica, o sujeito que não espera resolver sua história, mas sim sua repetição, seu sintoma. A importância da história do sujeito é obviamente importante, mas é perceptível que as reincidências desta história são justamente o que move o sujeito da Psicanálise. A repetição que move este sujeito exigiu a teorização da pulsão de morte.

O sujeito é constituído pelo conflito. O conflito dá-se pela impossibilidade de satisfação plena. A falta indica então a iminência de uma busca. Estas enunciações podem ser, todas, concordantes com os embates entre pulsão e recalque. Sabemos ainda que pulsão e recalque são, ambos, meramente demandantes, competem a instâncias de natureza parcial, não de natureza gregária. Gregário seria o Ego, instância capaz de mediar, de aplacar a fúria demandante do Id e igualmente a do Superego. Freud constrói uma nosologia baseada no posicionamento do Ego diante da pressão, desde as pulsões e dos imperativos do superego, perante estes imperativos.

Este posicionamento consiste justamente na noção de estrutura. A fundação desta estrutura, na teoria freudiana, tem seu marco de constituição nos desdobramentos do complexo de Édipo.

(...) Freud considera que todas as perversões se constituem na dialética edipiana. Mesmo no fetichismo e em outras perversões, onde o impulso decisivo, a primeira experiência vivida, se produz depois de seis anos, ou seja, num momento em que o Édipo está resolvido. (Valas, 1990, p. 72)

Não estão pré-determinados, assim, os acasos históricos que o sujeito há de enfrentar, mas parece ser possível antecipar a maneira como o sujeito ao menos se sentirá e como resolverá alguns conflitos durante seu percurso. O que Freud indica é que o posicionamento do ego dá-se nas relações que a criança tem com as figuras parentais até o momento do Édipo. Diante da dissolução do Édipo, é estabelecido novamente um recalçamento, outra marca que esfacela a memória deste momento de embates. O que resta é uma estrutura interna, que passa a repetir a ordem uma vez concebida como externa, estabelecida na primeira infância. A rigor, caímos na impossibilidade de definir até que ponto esta vivência infantil cabe à ordem da fantasia ou à ordem das interferências do meio. O que nos importa, aqui, é a realidade psíquica, inclusive por conta do abandono do Princípio de Realidade já enunciado anteriormente.

Esta estrutura, constituída como resultante do Complexo de Édipo, é justamente herdeira de todo este processo, iniciado nos conflitos mais antigos vivenciados pelo bebê, desde o momento em que a falta está instituída. E cabe-nos agora recordar que a falta é justamente instituída, pois a natureza primordial do sujeito é a de buscar prazer a qualquer custo.

Se adentrarmos novamente na noção de prazer, poderemos encontrar diversas possibilidades de associação com a noção de perversão, tanto em seu contexto de posição subjetiva, quanto na constituição pulsional que por ela pode ser qualificada. Sabemos que a posição subjetiva perversa consiste em permanecer numa posição pré-edípica, pois indica que imaginariamente ainda se pode obter uma saciação plena, o prazer ilimitado, o gozo. Presume-se também que a ordem biológica, perversamente transposta à ordem do desejo, tem sua finalidade alterada para que se obtenha um prazer a mais ofertado pela mãe, como pudemos notar na enunciação da teoria do apoio.

Colocadas estas questões, busco agora introduzir a lógica que me moveu na direção deste tema, pensando o olhar clínico acerca da perversão. Como último passo, busco desconstruir agora esta noção, que até então se fez tão sedimentada neste trabalho. Até aqui, defini a maioria dos conceitos postos, quase que inteiramente, sob a ótica das neuroses. Baseei-me, durante este processo, na noção de que a perversão, agora por certo no âmbito estrutural, se erigiria da permanência (em uma posição infantil) e do negativo (em relação ao lugar do desejo na neurose): surgiria justamente da negação à posição assentida pelo neurótico no término do complexo de Édipo e constituir-se-ia, assim, como negativo das neuroses, uma vez que o perverso deseja justamente aquilo que o neurótico teme desejar, fazendo valer uma das prerrogativas do Id: o desejo de não desejar. Cabe ao Id este que seria fundamentalmente o direcionamento do gozo no Princípio do Nirvana.

Valho-me desta axiomática para adentrar na noção de cisão do eu, ponto amadurecido da obra freudiana, na qual se encontra a teorização a respeito do fetichismo, localizando este fenômeno como característico da posição perversa e avaliando, os conceitos de permanência e negativo, como característico de um ego que se formou cindido, que não conseguiu assumir sua natureza neuroticamente gregária, de lidar de forma unificada com os conflitos provenientes das exigências de satisfação e da iminência da falta.

O que parece acontecer é que o fetiche interrompe um processo de modo análogo ao que ocorre com o bloqueio da memória nos casos de amnésia traumática. O interesse do indivíduo se detém a meio caminho e assume a forma de um fetiche; tal como nos casos de amnésia traumática a memória congela na última impressão que precede o evento assustador e traumático (Freud, 1927, p. 163)

Esta descrição, não se pode olvidar, combina perfeitamente com o que já dissemos quando tratamos da formação do fetiche não como um aspecto cronologicamente correspondente à primeira infância, mas que se dá posteriormente por conta de uma posição subjetiva. O mecanismo do recalque

está igualmente presente nesta posição, é necessário, pois a falta e o desprazer, inexoráveis na constituição do sujeito, são dois aspectos de uma mesma condição, situada justamente na impossibilidade de completude, de plenificação de prazer. A detenção do interesse do sujeito neste “meio caminho” sugere, justamente, que houve uma incapacidade de percorrer o contato pleno com a realidade. Há, portanto, um afastamento, tal como se dá no mecanismo do recalque.

A descrição da construção do fetiche, dada por Freud, implica justamente em uma cena em que o menino se vê diante da ameaça de castração, notadamente o perigo que funda a neurose. A cena está justamente na visão do menino de um corpo feminino, momento em que a visão da ausência do pênis, indicador imagético da possibilidade de castração, é causa de horror. Da mesma maneira que na experiência traumática, a visão da castração materna é escotomizada. Em seu lugar, perdura justamente o último traço mnêmico que precede a visão da falta materna, mantendo a lógica de que não haveria falta na mãe e, logo, não haveria motivo para conceber em si a própria falta. Desenvolve-se assim o fetiche, a busca por saciação por um pedaço do corpo, até mesmo por uma peça de vestuário, ou por uma posição diante do outro, em que o sujeito permanece buscando justamente este objeto substituto do suposto pênis da mãe, que, insustentavelmente castrada, provoca no sujeito a busca por algo que indique sua presença – última visão da criança antes do trauma – substituto do pênis da mãe. A este mecanismo dá-se o nome de desmentido ou renegação.

Na possibilidade de fragmentar a percepção, psiquicamente a imagem da castração materna fica cindida. Cindida fica justamente a ordem da falta. A ameaça de castração seria justamente a determinação para que se instituisse o recalque, estruturando-se assim a neurose. Mas a imagem causa ao menino tamanha repugnância que o recalque dá-se apenas em parte para que se sustente a saúde psíquica. Desta noção conjectura-se que a constituição da estrutura neurótica firma-se à medida que a aceitação da imagem seja plena, ou seja, que a aceitação da falta não seja insustentável. Não se pode afirmar, portanto, que o motivo que constitui a neurose seja a elaboração plena do recalque, mas sim que

a capacidade de sustentar o desprazer pelo aparelho psíquico seja suficiente. É possível construir este enunciado: quanto maior for a capacidade de sustentar o desprazer pela criança, mais pleno será o recalque, pois abrigará de forma mais ampla as percepções que nele devem estar contidas para que se supere a falta do interdito.

No capítulo em que discorro sobre o recalque encontramos uma citação de Freud nos “*Três Ensaaios sobre a Sexualidade*” (1905) que corrobora o enunciado acima construído pela ordem da lógica da cisão do eu. Se a tensão da não satisfação da pulsão for demasiadamente insustentável, não há recalque. A novidade aqui é, portanto, a manifestação do desmentido.

Introduzo o exemplo do fetichismo para trabalhar este tema justamente porque apresenta importância fundamental na noção de fundação do sujeito freudiano. Deste exemplo encontramos agora a proximidade das perversões tanto com a neurose, à medida que se dá justamente por ser seu negativo, por ser aquilo que o neurótico teme, e ao mesmo tempo aproxima-se das psicoses, à medida que o eu se cinde, na impossibilidade de aceitação plena da realidade. A perversão fica, portanto, nas origens da sexualidade infantil e, ao mesmo tempo, entre as categorizações nosológicas freudianas.

Implico-me agora em ampliar as noções expostas neste fenômeno específico do fetichismo. Se o princípio de renegação instaura-se neste momento da infância, mantém-se então como estrutura, impõe-se nas repetições futuras de investimento. O fetiche já é, por si, a estrutura se manifestando posteriormente à primeira infância, como já vimos. Para além disso, encontro em Braunstein (2007) o modo como esta posição, ao dissertar sobre o gozo, manifesta-se no âmbito da linguagem: “*O perverso não poderia desmentir sem reconhecer primeiro o que deveria desmentir (‘já o sei, mas ainda assim’)*”, p. 250.

Braunstein (2007) introduz a noção do saber perverso, que nada mais é do que a correspondência simbólica da imagem edípica há pouco descrita. O autor indica que o sujeito perverso não tem capacidade de lidar com o não-sabível, e então escapa a qualquer interpretação, fazendo uso das expressões “*não é assim*”

ou “*eu já sabia*”. Lembrando que, precedente a estas duas respostas, viria a expressão “*já o sei*”.

Está evidente que, por deter um saber, o perverso faz uma escolha. A possibilidade desta escolha deu-se justamente pela possibilidade de escotomizar, de abdicar na enunciação castradora da lei. Sabemos também que as escolhas que fazemos são, igualmente, reflexo da posição estrutural em que nos encontramos.

4. Conclusões

Este trabalho serviu-me como esclarecimento acerca da diferenciação entre a qualidade perversa da constituição e a posição estrutural perversa, abrindo espaço para a diferenciação entre constituição e constituído. De certa forma, o que se pode notar é que não necessariamente a perversão da ordem do infantil instituí-se como marca estrutural, mas, isto sim, influencia diretamente na formação da posição subjetiva, pois os movimentos de desejar e gozar são intrínsecos à estrutura e necessariamente encontram-se na vida psíquica do sujeito, nos entremeios dos embates entre as demandas pulsionais e a incidência dos recalcamientos.

Sabe-se que é exatamente neste duelo de descarga e resistência que se implicam os destinos da nosologia, já que a possibilidade de descarga e a maneira como ela se dá determina a condição subjetiva da falta e, portanto, formata a ordem do desejo. É possível atribuir o nome perverso tanto ao momento de surgimento da pulsão, como à posição de busca de prazer infantil e, portanto, pode-se dizer que a perversão se encontra na beira das formações da psicose e da neurose e, por esse motivo, joga um papel fundamental na estruturação nosológica freudiana.

Além disso, reedita-se o conceito, na presença da teoria do gozo. Sabemos que a ordem da perversão é fração existente da presença do sujeito em qualquer investimento, ainda que estruturalmente abdique de encontrar-se com o gozo. Parece-me que a ordem do gozo não pode ser abolida, bem como a ordem da falta. O que se pode fazer, em termos de condição subjetiva, é aceitá-los, cada qual em seu lugar, e mantê-los sob certo velamento.

Retomando a noção de Calligaris (1986) a respeito da transferência, como aquela que na clínica promove a manifestação da estrutura do analisando, encontro duas questões relevantes que podem servir como questionamentos iniciais acerca da clínica: se a transferência dá-se na relação, temos que a estrutura manifesta-se na relação. Acredito que isto provoca duas questões.

A primeira consiste em quanto a estrutura do sujeito mantém-se intacta, enquadrada, em cada reedição de investimento. As repressões sociais não foram abolidas à medida que de certa forma foram introjetadas no fim do Complexo de Édipo. Elas ainda são fundamentais para a condição de ser sujeito no mundo. A busca por intimidade indica que o espaço para repressões decai significativamente e, portanto, a falta instituída pelo meio também se reduz. Todo sujeito neurótico busca uma quota de gozo, ainda que limitada, e acaba por encontrá-la nas relações em que isto seja possível, contanto que o par da relação consinta com a montagem proposta. Este consentimento é justamente a possibilidade de abrir mão de certas faltas que se mantém no laço social. Seria isto uma condição para que a estrutura neurótica se desfalecesse em certa reedição na qual orbitam aspectos perversos? Para Calligaris (1986), toda relação neurótica constituir-se-ia de uma montagem perversa.

A segunda questão indica dúvidas acerca do manejo da transferência no caso da manifestação perversa da estrutura na clínica. Por saber aquilo que irá desmentir, o perverso dificilmente entrará no contexto clínico da neurose, pilar em que se estruturou a técnica psicanalítica de Freud. A relação com o saber do perverso mostra-se, como já vimos em Braunstein (2007), muito bem manipulada: o perverso sabe de antemão aquilo que desmentirá, usa de um “ainda assim” para manter sua posição e, neste ponto, presumo que a posição de suposto saber que o analista ocupa no imaginário neurótico dificilmente acometerá o perverso, de modo que as interpretações do analista atravessem o simbólico do sujeito.

Vejo estas questões como fundamentais, não só na medida em que suscitam impasses na clínica psicanalítica, mas também como, talvez, uma exigência de que se revejam certos pontos importantes da técnica. Não diria que a técnica e a postura do analista deva ser a mesma para todos os pacientes, mas julgo que uma intervenção clínica já deva se colocar *a priori* perante um sujeito, baseada em uma posição ética que independa do reconhecimento prévio da estrutura do analisando. Se a perversão requer outro tipo de intervenção, bem como a psicose, pode-se dizer que a capacidade interventiva e a postura do analista dependem da estrutura que se lhes apresenta. Diante de uma cisão, o

analista não pode construir seu papel baseado na castração, pois isto será constantemente invalidado de alguma forma por seu paciente, que não terá capacidade de compreender seu analista de forma unificada. O analista só sustenta sua posição enquanto castrado, no entanto. Sabemos que, diante da psicose, posição de cisão do eu, o psicanalista deve emprestar sua subjetividade, de modo que o delírio se ancore no simbólico do analista, lugar de castração. Cabe esta mesma postura à manipulação perversa do saber?

Questiono-me a respeito da posição do “*ainda assim*”, esta sobra para além das responsabilidades com o laço social. Seria isto uma característica só do perverso, ou mais provável que este lugar de denegação ocupe um espaço na estrutura de todo sujeito? Aposto na segunda possibilidade, uma vez que os traços do infantil mantêm-se de certa forma na estrutura. Finalizo este trabalho com a impressão de que o recalque e a estrutura neurótica não são muros intransponíveis, que se constituem justamente por esse jogo entre as barreiras e certos escapes necessários para que a dualidade de princípios permaneça. O recalque mais imponente, o originário, esfacelou representações para mover um sujeito. Mas no inconsciente as representações dispõem-se fragmentadas, no campo das associações, sem lógica e tempo. Neste sentido, o que cinde de uma unidade de representação consciente cabe a um ego também inconsciente, que escolhe aquilo que desmentirá a si próprio para sustentar seu reincidente retorno a si mesmo.

Referências Bibliográficas

BRAUNSTEIN, Néstor. *Gozo*. São Paulo: Escuta, 2007.

CALLIGARIS, Contardo. *Perversão – um laço social* (conferência). Salvador: Cooperativa Cultural Jaques Lacan, 1986.

DOR, Joël. *Estrutura e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume II: 1915-1920*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006.

FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume III: 1923-1940*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Volume VII (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Volume XIV (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HANNS, Luiz Alberto. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.

KAHN, Michael. *Freud básico: pensamentos psicanalíticos para o século XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LACAN, J. *Au-delà du "Príncipe de réalité"*. In: _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. *Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SALES, Léa Silveira. *Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário*. Revista do Departamento de Psicologia – UFF. V.17, nº1, p.113-127, Jan/Jun. 2005

VALAS, Patrick. *Freud e a Perversão*. Reunião de textos, Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.